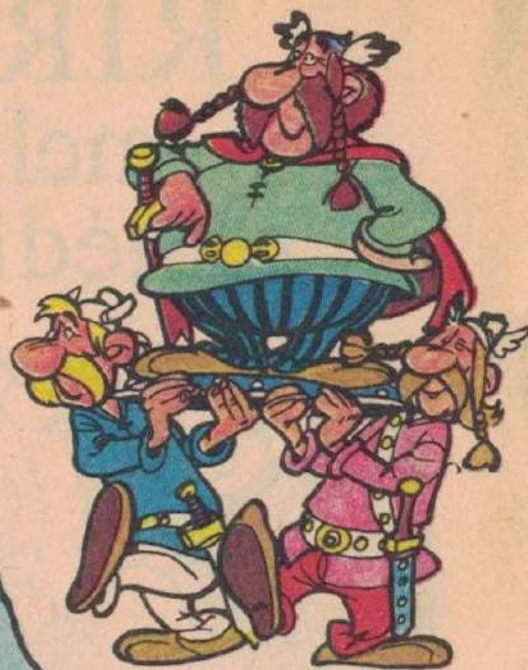
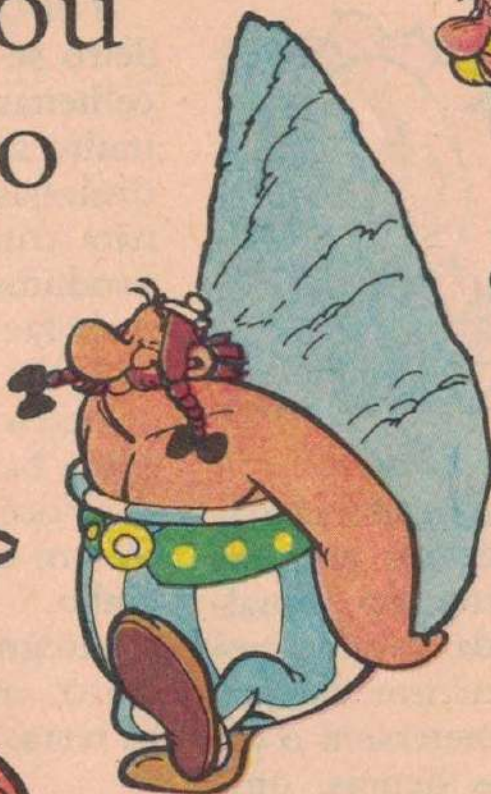


ASTÉRIX – o gaulês que conquistou o mundo



VASSILIS ALEXAKIS

*Pequeno e valente, Astérix
percorre o mundo inteiro,
levando alegria, humor
e fantasia às crianças
de todos os tipos e idades*

QUEM é que não conhece, na França, Astérix o gaulês, o pequenino diabrete das histórias em quadrinhos, com asas no capacete e grandes bigodes louros? E no resto do mundo?

Desde que foi apresentado na revista *Pilote* de histórias em quadrinhos, em 1959, por René Gos-

cinny e Albert Uderzo, Astérix tornou-se uma das figuras mais populares do mundo inteiro. Através de 23 álbuns e de dois desenhos animados em longa metragem, ele tem resistido corajosamente ao invasor romano. Já foram vendidos na França 35 milhões de exemplares desses álbuns,



o que constitui um recorde ímpar na história editorial desse país. Embora Astérix tenha sido imaginado para crianças, a revista *L'Express* dedicou-lhe um artigo de capa em setembro de 1966, tendo sua circulação nessa semana aumentado 15%. No verão de 1974, uma de suas aventuras, *O Presente de César*, foi apresentado em capítulos em *Le Monde*, o mais austero dos diários franceses, fato noticiado por jornais do mundo inteiro. No segundo trimestre de 1976, o semanário *Le Nouvel Observateur*, por sua vez, apresentou em séries um novo álbum chamado *Obélix e Companhia*.

Embora baseadas na história francesa, as aventuras de Astérix têm sido traduzidas em diversas línguas, inclusive japonês, árabe, hebraico, grego e iugoslavo. Na Grã-Bretanha apareceram em brochura. As vendas dos livros de Astérix ultrapassaram um milhão de exemplares em vários países euro-

peus e até mesmo na Itália, embora o pequeno gaulês sistematicamente descreva os romanos como «loucos». Na Alemanha Ocidental, as vendas de seus livros alcançaram 27 milhões de exemplares, e o crítico literário alemão André Stoll escreveu um estudo sério, de 186 páginas, estabelecendo paralelos com a lenda do Santo Graal e as lendas bretãs sobre o Rei Artur. Firms comerciais da Alemanha, França, Holanda, Espanha e países escandinavos utilizam a figura de Astérix para vender produtos que vão desde aparelhos eletrodomésticos a gêneros alimentícios ou artigos escolares.

O endiabrado gaulês conseguiu, inclusive, reconciliar os professores com as histórias em quadrinhos; suas aventuras foram traduzidas para o latim, a fim de serem usadas em escolas, tendo sido vendidos 50 mil exemplares dessa tradução na Alemanha e mais de 100 mil na França. Além disso, as histórias de Astérix estão repletas de informações exatas sobre a vida dos gauleses e dos romanos, e a precisão dos desenhos de Uderzo tem merecido elogios de conceituados especialistas da era galo-romana, como por exemplo Jérôme Carcopino e Henri-Paul Eydoux. Antes de fazerem sair os personagens da aldeia onde vivem, Goscinny, autor do texto, e o ilustrador Uderzo fazem eles próprios a viagem; consultam arquivos locais e passam longas horas em

museus e bibliotecas. Enquanto Goscinny toma notas, Uderzo vai fazendo centenas de esboços.

Nascido em Paris em 1926, Goscinny tinha dois anos quando seus pais se mudaram para a Argentina. Estudou na academia francesa, em Buenos Aires, e depois foi trabalhar como artista comercial, primeiro na capital argentina e depois em Nova York. Começou, porém, a ter dúvidas sobre sua carreira. «Pouco a pouco, fui-me apercebendo de que gostava mais de escrever do que de desenhar», disse-me ele, «mas a experiência tinha sido bastante útil, porque nós não podemos escrever bons roteiros para histórias em quadrinhos, se não tivermos tido alguma prática de desenho.»

Durante uma viagem à França, em 1949, ele foi contratado pelo Serviço de Notícias Franco-Belga, e foi aí, quando tinha 23 anos, que conheceu Uderzo, um ano mais jovem que ele. Este tinha passado toda a vida em Paris, e era autor de diversas histórias em quadrinhos, especialmente *Belloy, o Cavaleiro sem Armadura*, para a revista *O. K.* «Como eu era melhor desenhando do que escrevendo o texto», explica Uderzo, «decidimos formar equipe.»

Juntos, lançaram uma série de histórias em quadrinhos, como *Umpah-pah o Pele-Vermelha*, para a revista *Tintin*.^{*} O sucesso desses

empreendimentos encorajou-os a publicarem sua própria revista de histórias em quadrinhos, o semanário *Pilote*. No primeiro número apresentaram o pequeno gaulês. «Nós estávamos à procura de um novo personagem», recorda Goscinny, «e, ao recapitularmos todos os heróis de histórias em quadrinhos, verificamos que, entre eles, não existia um único gaulês. Na realidade, de certo modo, os gauleses são para nós o mesmo que os *cowboys* são para os norte-americanos. Uderzo pensava que o nosso herói devia ser um sujeito corpulento, mas eu era de opinião que seria mais engraçado um baixinho, um Davi lutando contra os poderosos romanos. Finalmente, concordamos em criar dois personagens principais, o pequeno Astérix e o grande Obélix, que é tão forte como Golias. Obélix, sempre acompanhado de seu cão Idéfix (Dogmatix, nas versões de língua inglesa), é o companheiro constante de Astérix. Inteligente, audaz, eficiente, nunca perdendo de vista aquilo que quer fazer, Astérix é o protótipo do herói. Obélix é mais humano; ingênuo e comilão, precisa de vários javalis assados para fazer uma refeição.»

O cenário da história é uma povoação gaulesa, em algum lugar da região onde hoje se localiza o departamento francês de Côtes-du-Nord. A ação transcorre no ano 50 a. C. Os romanos nunca conseguiram, nem jamais conse-

^{*} Ver «As maravilhosas aventuras de Tintin», em *Seleções* de novembro de 1974.

guirão conquistar a aldeia, pois o sacerdote druida Panorâmix preparou um elixir mágico que dá a seus compatriotas uma força sobre-humana. O problema é que o efeito desse elixir passa rapidamente, e Astérix, com frequência, descobre que a poção mágica está perdendo sua eficácia precisamente no ponto mais crítico de suas aventuras. O herói irá morrer ou não? É evidente que o pequeno gaulês triunfa sempre sobre seus adversários.

A história de Astérix é rica de humor e aventuras. As batalhas entre os gauleses e os romanos são absolutamente cômicas; até mesmo os romanos parecem estar se divertindo. No final de um desses combates, um legionário romano declara cheio de admiração relutante: «Desta vez eles nos deram uma tremenda surra, hem!»

O tom da história foi dado logo na primeira página da primeira aventura de Astérix, intitulada *Astérix o Gaulês*. Tendo fracassado em sua tentativa de conquistarem a Gália dos romanos, os alemães dizem: «Gut! Vamos embora, mas havemos de voltar!» (Trata-se, evidentemente, de uma alusão a acontecimentos que haviam de repetir-se dois mil anos depois.) Um legionário, escapando por pouco de morrer nas mãos dos gauleses, murmura: «Aliste-se, diziam eles... E você viajará pelo mundo, diziam eles...» Um cobrador de impostos romano usa a linguagem oficial de nossos dias.

«Este pagamento provisório», informa a um gaulês, «será dedutível numa futura declaração de imposto de renda.»

Na realidade, esta história em quadrinhos faz aquilo que nenhuma outra das suas congêneres francesas consegue fazer – satiriza a vida moderna. Os romanos vivem em edifícios de apartamentos, que eles chamam de *habitações latinas mescladas* (H. L. M.). Nesses edifícios, os apartamentos são pequenos e com poucas comodidades, consistindo, segundo um dos moradores, em «cubículo, cozinha, triclinio, e a gente tem que ir até o aqueduto buscar água». Astérix descobre que «os romanos estão destruindo a paisagem com seus edifícios modernos». Lutetia (Paris) é uma cidade cara e superpovoada. O ar dessa cidade é poluído. Suas ruas estão congestionadas de carroças cujos condutores gritam enfurecidos: «Bárbaro! Quem é que você pensa que é? Ben Hur?» As únicas pessoas que conseguem gostar daquela cidade são os estrangeiros. A agência de viagens Claudius Metrobus («fala-se latim, celta, teutônico») oferece aos turistas uma oportunidade de visitarem Lutetia *by night*.

Cada álbum de 46 páginas contém cerca de 600 desenhos e 1.500 balões de diálogo. Para ser feito, são necessários seis meses de trabalho intenso. Seus criadores às vezes trabalham no apartamento de Goscinny, no décimo andar de um moderno edifício de apar-

tamentos, no 16.^o *arrondissement*, ou no apartamento duplex de Uderzo, em Neuilly. Começam por cortar todas as comunicações telefônicas, enquanto suas mulheres fazem tudo para que não sejam incomodados. Depois, Goscinny dá a Uderzo o roteiro que escreveu sozinho, e o ilustrador mostra-lhe os esboços a lápis que fez, baseado nesse texto. Esse método permite que cada um deles critique e corrija o trabalho do outro.

Goscinny e Uderzo terminaram agora um filme de desenhos animados inspirado num novo roteiro: *Os Doze Trabalhos de Astérix*. Este é o primeiro filme feito pelos dois na França (os dois filmes anteriores sobre Astérix foram realizados na Bélgica). O sucesso de sua criação permitiu-lhes montar seu próprio estúdio de animação, que é agora o mais bem equipado da França e conta com

uma equipe de 50 técnicos. O custo de *Os Doze Trabalhos de Astérix* foi avaliado na quantia fabulosa de oito milhões de francos, a maior até agora na Europa para um filme de desenhos animados.

O êxito mundial de Astérix é fácil de explicar: qualquer pessoa que lute para manter sua independência ou quem sofre com as irritações da vida moderna (em resumo, *todo mundo*) não tem dificuldade em se identificar com o pequeno e intrépido gaulês. Se os franceses se sentem particularmente orgulhosos, quem pode censurá-los por isso? Afinal de contas, o sucesso de Astérix é devido a uma característica que ele possui em abundância e que é tão cara aos corações dos franceses: o desembaraço. Como disse um dos personagens dessa história em quadrinhos, parafraseando Napoleão, «*impossible* não é gaulês!»



O GRUPO de salvamento que escalou a montanha de Sandia, perto da cidade norte-americana de Albuquerque, Novo México, em março de 1975, não foi guiado por um fiel são-bernardo. Pelo contrário, foi lá para salvar um. Quando Gus (cão de sete anos e 90 quilos) começou a longa caminhada com sua dona, Beth St. George, estava cheio de energia, mas, na volta, começou a se cansar e, a três quilômetros do sopé do monte, desfaleceu.

No Posto 311 dos Escoteiros Exploradores, teve-se conhecimento das dificuldades de Gus, através de um aviso do Serviço Florestal pelo rádio, e organizou-se um grupo de salvamento. Com a ajuda de 11 pessoas, Gus foi atado a uma padiola e transportado montanha abaixo para um hospital veterinário, onde lhe pensaram as patas, o alimentaram por via intravenosa e lhe deram dormida naquela noite. Pelo que disse sua dona, Gus já está bom para outra... mas não escalando montanhas.